

JAYME DOS G. WANDERLEY

# Boneca de Chocolate

CONFERENCIA REALIZADA  
NO SALÃO DE HONRA DO  
PALACIO DA MUNICIPALIDADE  
NA TEMPORADA INTELLECTUAL DE 1930. :: ::



NATAL  
IMPRESA OFFICIAL  
1931



JAYME DOS G. WANDERLEY

# Boneca de Chocolate

---

CONFERENCIA REALIZADA  
NO SALÃO DE HONRA DO  
PALACIO DA MUNICIPALI-  
DADE, NA TEMPORADA IN-  
TELLECTUAL DE 1930. :: ::



NATAL  
IMPRESA OFFICIAL  
1931



A LUIS DA CRMARA CAS-  
CUDO, GALHARDETE DA LEGIÃO  
DOS INTELLECTUAES POTYGUA-  
RES, CULTURA DE ELEIÇÃO, RE-  
QUINTADO SENSO LITERARIO  
E INTELLIGENCIA PREVILEGIADA,  
HOMENAGEM AOS SEUS TALEN-  
TOS DE ESTHETA APRIMORADO.



Esta conferencia, inspirou-a  
o poeta Jorge Fernandés, cuja  
poesia barbara, liberta, inde-  
pendente, eu admiro pela vi-  
toria dos conseguintos, que  
a sua esthetica vem realisan-  
do dentro da belleza nova que  
aleita a sua arte de escolha.



## Boneca de Chocolate

---

Flôr exquesita da terra morena,  
cassoula  
de Janduhy.  
Symbolo selvagem da raça creola,  
que se amamentou no seio de Cecy...

No seu olhar de quixaba madura,  
a alma remota de uma gente escrava  
vive boiando como uma saudade...  
Maria Rosa é o poema da terra brava.

No seu labio brejeiro,  
que é uma fructa de cardeiro  
machucada,  
esvoaça  
passaritando,  
a voz de uma tribu desemmalocada,  
Maria Rosa é o grito virgem da raça.

O calor de suas curvas aguçadas,  
deram-lhe a pelle um lustro de azinhave  
Toda ella é poema,  
uma trova  
suave.

Seus seios são dois espinhos de jurema.  
Maria Rosa é uma fructa de carne  
amadurando para o amor da gente nova.

---

Talvez, antes de kodakisar para vossa curiosidade, a cabocla azougada da terra brava, boneca de chocolate, que os Potyguares enguirlandaram de encantamento a sua tradição e de bravura a sua historia, minhas senhoras e meus senhores, alguém já vos tenha apontado, com o dedo indiscreto, a Maria Rosa, faceira, inquieta, provocadora, symbolo enrequecido de curvas maravilhosas, irmã gêmea de tribus remotas que desapareceram, bandeira legendaria com que a nacionalidade faz reviver o heroismo e a audacia dos conquistadores avoengos, cujos sonhos de glórias fugiram na corrente engrossada e vertiginosa daquelle rio minado de evocações, remando a piroga que conduzia para a suprema victoria do amor, o brasileiro coração da taba de Cecy ...

Por certo, ella já vos magnetizou com o fascínio de seu incorregivel ly-rismo, já vos attrahiu com as seducções ineditas dos impenitentes feitiços de sua graça virgem de mulher, que a gente quer bem mas, não sabe porque ...

Na sua sagacidade, no seu ardil, ella é vibora, que impreita e fere perversamente, outra vez é sereia que acompanha e embala com o dulçor de sua cantiga.

A sua meiguice domina e captiva.

Tem venenos exqu岸itos no olhar, neste olhar rasgado de leôa ciosa, que Deus lhe deu, profundo e tranquillo como a agua das cisternas que nunca foram olhadas pelo luar, e, guarda nas azas borboleteadoras de seu coração, um sésamo maravilhoso, em cujo segredo cirandeiam recuos imprevistos e violentas avançadas, um crisol que arde, fásca, é lume, crepita e depois devora como a labareda das coivaras incendiadas, que se alteiam nos meios dias ardentes na alma solitaria das mattas virgens do nordeste.

A belleza cheia de azougue dessa cabocla anonyma, de pelle de mirapinima e cabellos de miolo de jucá, dessa carnção vigorosa, estuante de seiva moça, que se aleitou nos cinco bicos de seio do Cruzeiro do sul, nasceu gloriosamente das nupcias primitivas de gerações que se misturaram, para dar ao Brasil creança, essa boneca ambicionada, que esconde no corpo de formas libertas, a

elegancia natural das palmeiras e na alma um relicario de lendas barbaras, misturado de crendices, onde estão guardados, o gesto moço de nossa independencia e o grito forte e sonoro das nossas reivindicações.

O espirito rude da cabocla dos confins da hollywood selvagem do nosso "hinterland" da terra queimada de sol, acalenta uma legião incrível de superstições e de crendices.

Alvoroça-lhe a memoria a illusão de que nas mattas fechadas de sombras, a *Negra Mirim*, desbarata os comboios dos tropeiros, fustigando os animaes e açoutando os homens com vergontees de *Japecanga*; que um monstrengo foge todas as sextas-feiras das grugeias das abas de serras mal assombradas, para percorrer, na sua vertiginosa romagem, sete provincias por noite, fumando longos cachimbos, inquietando os viajantes; que as *Mães d'agua*, attrahindo-a com feitiços irresistiveis, roubam-lhe os filhos para com elles nupciarem no coração encantado das lagôas; que os *Lobishomes*, depois de se espojarem num lugar escondido, tendo esconjurado os paes, lançam-se a caminho, á cata de victimas para lhes beber o sangue; as *Burrinhas*.

galopam pelos campos, dentro da noite, em longas desembestadas, pedindo fumo a quem passa; e que os *Zumbis*, pastoram os transeuntes nas moitas das estradas soltando-lhe, bem visinho aos ouvidos assobios ensurdecedores ou vão arditosamente, soprar pelas frinchas das portas e das janellas, apagando as candeias, que aclaram a solidão e a tristeza das salas pobres dos casebres sertanejos...

A Boneca de Chocolate, essas bizzarra cigarrinha humana, é um arrepio da terra escaldada, desta terra de arvores desensombradas, de angustiados rios exhaustos, de caminhos esguios e poeirentos, em cuja solidão se perde num lamento doloroso, o aboio triste dos tropeiros...

E' essa cabocla, resto de tribu dessemallocada, que evoca com a sua fortaleza e a sua coragem. a saudade dos derradeiros bandeirantes que desaparecidos do scenario de sua gloriosa actividade, nunca mais foram lembrados.

Na labuta titanica contra a natureza, onde a sua energia e a sua vontade tentaculares, realisam quasi que um milagre de heroismo e de esperanças, desabotoa-lhe dos musculos enregicidos pelo trabalho sem descanso, numa

como explosão de vitalidade, a resistencia para vencer e vence porque toda sua alma é uma grande fé esperando a misericordia de Deus...

E esta crença que se radica no instincto da gente audaz, esta confiança que demora no espirito daquelles pobres homens que escavacam a terra arida para lhe encher o ventre de sementes promissoras, é positivamente denunciada pelo louvor que elles rendem ao culto unico de sua sincera piedade, devoção que os traz divorciados do mal e os inspira, no fervor da doutrina que professam, a esperar a ventura, porque aquella terra mesmo desensombrada e secca, parece aos olhos verdes de sua fé a terra prodigiosa da promessa.

E abeirados numa felicidade que lhes tarda, alimentam a alma cada vez mais fiel, com o leite virgem das esperanças mais sonhadas e não mastigam os frutos de sua colheta sem agradecer aos ceus.

Ninguem melhor apalpou o seu sentimento do que o poeta dos lindos Poemas, o mais moderno e o mais curioso desbravador das bellezas de nossa terra:

—Apertou todo o dia  
a correia da cintura,

para enganar a fome...  
Matou a sede no cabaço dagua...

Limpou todo o roçado...  
O milho balança contente  
as maçarocas das bonecas.  
O feijão fulora todo enroscado  
nos pés de milho...  
—Bocca da noite...  
Tica com o dedo grande a testa,  
os peitos,  
os hombros largos...  
—Pelo signal,  
depois da janta—  
Mão grande,  
enxadeira,  
extendida pra cima :  
—Benção...  
Deus louvado!  
mode barriga cheia...

E' assim que o sementeiro agradece  
a fortuna de haver eliminado a sua fome.

Essa é a prece simples, emotiva,  
synthetica e original, que finalisa a ceia,  
que lhe fora parcamente servida...

Deante da lucta renhida que se des-  
trança entre o homem forte e a terra  
enchuta, Maria Rosa não recua.

Ella é de facto o grito virgem da

raça morena, de cujas nupcias selvagens nasceu o Brasil dos nossos avós e ha de pela bravura de seus heroes, triumphar o Brasil dos nossos filhos...

A Boneca tostada de sol, que a inclemencia das estiagens accende na alma a fornalha dos tormentos mais temiveis, não retrocede na peleja porfiada com que o destino lhe assalta a tranquillidade.

Quanto maior a tortura, maior é a sua resignação.

A lamina luzidia das enxadas que sulcam a terra para a fartura das safras, a castanha esguia das foices que agem no trabalho das brocas dos roçados, os machados grosseiros que rolam toros para a feitura das cercas, a coivara onde se assam cardeiros para saciar o gado, que não resiste a fome, a cata das mambiras para a farinha, que mitiga as necessidades do lar pauperrimo, a abertura das cacimbas no leito dos rios secos, tudo o que um punhado de musculos pode realisar dentro do ambiente em que se articula o corpo agil de Maria Rosa, não n'a faz desanimar, não n'a faz esmorecer, parece até que se estabelece um paradoxo inconsciente, é que nos tempos de fartura e de bonança, a cabocla sente saudade da angustia que

passou, porque ella amamenta dentro da alma a volupia estonteadora de soffrer...

Heroína e martyr, ignorada no desvão da terra onde abriu os olhos para a luz, irmã gemea das juremas cheirosas, que enchem os campos do perfume branco de seus ramos florados, ella vive campeando dentro da liberdade da natureza, cheia de robustez e de praseres, pesar das vicissitudes que lhe avançam na felicidade, ja tão carregada de amarguras e de dores soffridas sem remedio.

Ella é uma força viva, uma energia que não fraqueja deante da inconstancia climaterica, que lhe faz resaltar o stoicismo, ante a fatalidade que se lhe abeira da existencia, amarissimamente espreada pela impiedade dos destinos.

A plastica de seus contornos, o despenho de suas formas ineditas, a sua estructura invulgar, refletem a belleza caracterisadora dos fortes, daquelles que levantando a fronte suarenta erguem os olhos cheios de esperanças para louvar o sol e abrem os labios reseccados de sede, num gesto angustiado de supplica como para enviar aos ceus, um beijo, numa prece ingenua e vulgar...

A mulher do sertão gosta com verdadeiro affecto de seus filhos, desde os

primeiros sorrisos até a ultima lagrima.

Encha-se de alegria ou a miseria se propague dentro da paz dos lares, ella é corajosa é confiante, acredita sinceramente na felicidade e no bom destino que espera o seu filhinho na vida.

Foi inspirado nesta crença commum, nesta fé que se não afugenta da mulher heroína da terra vermelha, que Jorge Fernandes, sentiu num golpe de poesia virgem, a belleza desse amor, o mais puro, o mais lindo, o mais emocional dos que se polarisam no instincto da mulher mãe :

—O' lua, ó luá  
Da-me esse menino  
que eu quero criá...

—Quando eu era assim embalado  
por lindos braços que não me abraçam mais.

A lua era delgada como um parentese,  
que outro não veio fechal-o mais...

O' lua, ó luá  
Da-me esse menino que eu quero criá,

Ouvindo os rogos da mãe querida  
a lua nova não me levou  
e os seios fartos deram-me vida  
deram-me seiva que me criou...

O' luá, ó luá  
Da-me esse menino que eu quero criá...

Antes a lua não desse ouvidos  
e me levasse no seu clarão,  
que os rogos todos fossem perdidos  
palavras soltas, soltas em vão...

O' luá, ó luá  
Da-me esse menino que eu quero criá...

---

Cada creança que se forma é um  
heroe que se arregimenta para o nosso  
futuro.

E' penosa demais a tarefa entregue  
a sua resignada actividade.

E' um trabalho de escravos, mas,  
de escravos que se hão de libertar um dia,  
para o triumpho supremo do Brasil.

Desde muito novos que a labuta  
sem descanso lhes fortalece a coragem  
para trabalhar, caldeando-lhes os mus-  
culos em botão.

Nas madrugadas de inverno, quan-  
do mal a estrella dalva desmaia por de-  
traz da serra branquinha de neve, os  
meninos ja corricam pelo pateo, molhan-  
do os trapos, que mal lhe acobertam o  
corpinho nas toceiras de mata-pasto,  
tangendo os bezerros para o desleita-

mento das vaccas curraleiras, mais tarde é a enxada, a picareta, o alvião, a foice, que lhes desenvolvem a fibratura muscular, temperando-lhes as energias para robustecer o seu instincto e a sua vontade louca de vencer; depois é o poltro mal adestrado, que elle vae esbrabeijar nas campeadas perigosas, entre macambiras, juremas e amorosas que lhe riscam na pelle bronzeada o garatujado selvagem de curiosos hieroglyphos.

Desse homem é que o Brasil necessita; é desse musculo que se alicerça a fortaleza da patria.

E a Boneca de Chocolate, senhores, esquecida, vivendo do outro lado da nossa civilisação, argamassa inconscientemente, collunas, para fortaleza e gloria de nossa nacionalidade.

E amando a terra, honrando a familia e se orgulhando do brio tradicional de sua gente é que a nossa irmã anonyma, ensina aos filhos a não respeitarem a vida e nem temerem a morte...

---

No amor, minhas senhoras e meus senhores, todas as mulheres são iguaes.

Desde a mulher Flirt, andorinha de bocca de maçaranduba madura, e alma

de borboleta, que cirandeia no tumulto bizarro das avenidas, rescendendo perfumes exquisitos, que está flirtando nos cinemas, que atira com elegancia a pelota nos campos de Tennis, que domina a volante dos automoveis e veste "maillots" nas praias de banho e vae depois a igreja mentir aos santos, articulando os labios em rapidos cochichos de rouge, até a mulher simples do sertão que desfolha a vida como se desfolhasse um malmequer, mulher sem artificios, despercebida, ignorada, que experimenta o rythmo da vida ao contacto selvagem da matta umbrosa, banhando-se liberta na corrente de agua revolta dos rios abojados e só se sente feliz, limpando com seu braço, a lavouira viçosa que lhe traz espigas maduras, essa mulher que não usa vestidos cujos decotes lhe põem a alma a amostra, que não tem unhas brilhantes, que seu labio é uma petala murcha e os seus olhos claros e allongados nunca foram tisonados pelos carvões de artificio, desde a mulher excitante que provoca com a explosão de sua sensualidade delicias estonteadoras, até este feixe ondulante de curvas pagãs, que vive ferindo os pés nos pedroiços dos caminhos tortuosos,

dês que alvorece até que a noite chega no trabalho sem treguas, minhas senhoras e meus senhores, todas ellas amam sem ter coração...

Todas ellas queimaram as azas intransquillas do coração ainda em flor, na chamma ardente do amor que nascera para a grandeza do beijo inflamado de Eva e o esplendor deste beijo trouxe para os mulheres, essa dolorosa e amarissima consequencia.

Fôra bem justo, lhe ficasse um coração para viver mas, nunca um coração capaz de amar...

E' na realidade o que se evidencia, observando-se os motivos passionaes com que as mulheres preludiam os seus affectos e trâhem a sua paixão.

O castigo de Adão, foi lançado pelo labio de Eva.

Labio que não trahiu, mas, que sacrificou, que urdiu na magia de sua belleza um labyrintho delicioso de praser para o seduzir e deu-lhe um instante de goso para uma eternidade de torturas...

Todas as mulheres sentem a volupia da crueldade.

Quanto mais desejam mais ferem. Deliciam-se na angustia e humilha-

ção do homem sobre quem recahiu o castigo de ser um dia o preferido.

Que nunca esse homem traga o segredo intimo de sua alma á flor dos labios, que não desvende nunca o mysterio pascional que mora dentro de seu peito, que nunca a mulher que elle ambiciona apalpe a sua paixão e tenha certeza que elle a deseja com verdadeiro sentimento, porque desde então o seu amor será uma condemnação irremediavel.

A mulher tem aversão ao homem que se denuncia.

Para ellas o amor deve ser silencioso, sem tonitroancias, um praser, um aneio secreto, uma vontade que se deixa perceber, mas, que ninguem declara.

E o homem para vencer, para ser estimado é preciso afivelar uma mascara ao coração, trazer nos olhos o desfarce negro de Arlequim, mas, fingir-se esquecido, enganado, modelando o enredo do seu amor no epilogo da tragedia incomprehendida de Pierrot.

Eu conheço de perto, minhas senhoras e meus senhores, o romance pascional de Maria Rosa, orchidéa brava, da terra selvagem, anonyma flor de praser, a vida da vida de mestre Dameão,

um desventurado feitor de fazenda da serra.

Como se gostaram, não sei.

Talvez numa encruzilhada deserta de caminho, numa linda tarde de sol, entre o chilrido blandicioso de passaros alegres cantando dentro da claridade morna da tarde velha, o preludio nupcial de um sonho que começava a ser sonhado.

Um sorriso, um olhar, um gesto, uma palavra, não sei, uma cousa qualquer, ligeira como um suspiro, breve como um beijo e se amaram...

Pareciam-se querer com o coração e eram felizes de sua propria felicidade.

Mas um dia, o ciúme, que é sempre maior do que o amor, veio toldar a pureza daquelle affecto, o primeiro talvez, que se enflorava em rosaes na alma dos ingenuos namorados.

Maria Rosa fizera-se esquiva.

A Boneca de Chocolate que a polpa deliciosa dos seus tecidos tantas seducções trazia á pupila esgazeada de Dameão, entristeceu, tornou-se scismarenta, languida, mal humorada, fugindo as caricias do feitor apaixonado :

—Maria Rosa, tú tás tão arisca...  
Foi feitiço, catimbó,

uma mandinga danisca  
que te botaram no oiá...  
Eu tenho soffrido tanto  
que parece o teu quebranto...  
tambem me anda a maguá...

Foges de mim. E se escondes  
o teu corpinho moreno,  
minha saudade é um veneno,  
que a gente custa a curá.  
E' como uma ferida aberta  
que nunca mais cicatriza,  
mais remedio, martyrisa,  
e fica sempre a sangrá...

O teu bem foi como um rasto,  
ficou perdido na areia.  
E eras mansa como uma oveia  
quando nosso amô juremo...  
Sei que andas com mau sentido,  
marombando pra meu lado  
e eu vivo só do passado,  
de um goso que não tivemo...

O amô é mesmo que a sorte,  
chega sem ninguem o vé,  
nasce eu não sei de que  
nem sei se morre ou arrefece...  
Eu sei bem que se elle nasce  
do coração faz morada,  
e sendo mesmo cassuada,  
nunca mais ninguem o esquece...

A cabocla dengosa escutou a voz de Dameão perdida nos seus ouvidos como um lamento que enternece, como uma queixa, como um aboio que se desdobra num echo arrepiante de saudade pelo farto verdor dos campos viçosos e teve, então, remorsos, feriu-lhe por um minuto a dor de sua traição.

Tentou fugir de sua alma, que se inquietava como uma abelha tonta de perfume que liberta da colmeia, não quer beijar uma corolla só.

Começou a extranhar a sua ventura.

A ternura que lhe aquecia a estima pelo malsinado feitor, se lhe gelára dentro dos sentidos.

E assim, atravessou longos dias, desinteressada de si, distrahida da sorte, deliciosamente alegre hoje, amargamente triste amanhã.

Ella que fora a principio toda a ventura de Dameão, começava a ser, agora, o motivo unico de sua dor.

Elle, o desventurado caboclo, destimido, senhor de sua bravura, soffria diabolicamente, em pensar que Maria Rosa, que fora o seu orgulho e a sua virtude, a sua honra e o seu sangue, fosse capaz de lançar sobre sua alma de

apaixonado o cravo agudo de um suplicio que era superior a sua audacia.

Nenhuma outra mão mais affectuosa, poderia enxugar-lhe a perola das lagrimas inconfessadas e afagar-lhe com maior carinho o fio grisalho dos cabellos na desolação da velhice...

Maria Rosa avistou-se de perto.

Olhou-se bem no fundo de seu coração, que sangrava como uma chaga fresca avermelhando o sacrificio de outro coração.

Os seus olhos claros de leôa ciosa, pareciam, agora, duas fructas de jóia molhadas pelo sereno da noite.

E emquanto a sua alma scismarenta chorava a magua do bem perdido, o seu instincto de mulher explodia violentamente e como que gritava dentro da ferida aberta de seu coração, pedindo amor, mais amor, mais amor...

E como que despertada daquelle extase doloroso, accordada daquelle sonho vivo, daquelle revolta entre a alma que sente e o instincto que quer, falava numa linguagem artificiosa, misturada de dor e de verdade, trazendo em relevo a amargura que lhe fazia, ha um tempo, heroina e martyr :

— Dameão, tu não magina,  
nem sabes quá foi a sina  
que trouxe meu coração ...

Eu sou muié, bem muié,  
e essa questão de amô  
quem sabe la o qui é...

A gente nunca se agrada  
do home qui nos qué bem  
fica-se sempre enjuada,  
caningada cuma que  
quando esse home nos vem  
quarquê carinho fazê...

Ha fulô qui murcha e sécca  
quando o só lhe vem beijá...  
E' asssim o amô da gente,  
cuma essa fulô tá quá,  
quanto mais na escuridão  
mais cheiro ella tem pra dá

Foi essa a sina, Dameão,  
qui Deus deu ao coração  
de tudo quanto é muié...  
Esquecê o amô que o ama,  
para se queimá na chamma  
de outro amôr qui não lhe qué...





